

## **Revista "A HEBRAICA"**

### **Edição: ABR/2005**

#### **música**

#### **A presença judaica na ópera: argumentos e AUTORES**

Por: Sergio Casoy

Os fragorosos aplausos com que o público do Teatro Alla Scala de Milão consagrou, em 9 de março de 1842, o Coro dos Escravos Hebreus durante a estréia da ópera Nabucco garantiram ao seu autor, Giuseppe Verdi (1813-1901), um lugar definitivo no panteão dos grandes compositores italianos

Com muitas liberdades históricas, o argumento de Nabucco trata dos judeus arrastados em cativo para a Babilônia sob o jugo de Nabucodonosor. Quando o coro lançou os primeiros acordes daquela melodia tão simples quanto sublime, cantando as palavras *Va pensiero sull'ali dorate* ("Vai pensamento, sobre asas douradas"), uma espécie de fagulha espiritual percorreu a platéia.

A Itália atravessava um momento histórico crucial. Não existia ainda como nação e seu território estava dividido em vários estados. A Lombardia, região da qual Milão era a capital, encontrava-se sob férrea dominação do Império Austro-Húngaro.

O anseio popular pela libertação, que logo se refletiria nas árduas batalhas do risorgimento, o movimento pela unificação italiana, era forte e genuíno. O público que lotava a sala do velho teatro naquela noite mágica identificou imediatamente os sofrimentos dos judeus, cuja pátria fora invadida e dominada pelos babilônios, com a humilhação que os milaneses eram obrigados a padecer sob os austríacos. A partir desta metáfora, *Va Pensiero* tornou-se o símbolo musical do risorgimento e ainda hoje é o hino da liberdade de todos os povos.

Mas Verdi não foi o único autor italiano a compor uma ópera usando um argumento originário do Velho Testamento. Gaetano Donizetti (1797-1848) seu antecessor imediato, contou, de maneira romanceada, a história da arca de Noé em *Il Diluvio Universale*, composta em 1830 para o Teatro San Carlo de Nápoles. Ao examinarmos a partitura, fica claro que Donizetti estudara profundamente outra obra-prima do gênero, *Mosè in Egitto*, que o genial Gioachino Rossini (1792-1868) havia composto, em 1818, para aquele mesmo teatro napolitano. O ponto alto desta narrativa do êxodo em forma de ópera ocorre quando Moisés, após libertar os hebreus, chega ao Mar Vermelho e entoa, acompanhado dos demais personagens, a belíssima prece *Dal tuo stellato soglio* ("Do teu trono estrelado"), durante uma cena de grande efeito no palco na qual o mar se abre e o povo consegue fazer a travessia em segurança.

Embora com enfoques muito diferenciados, Moisés voltaria, no século 20, a ser personagem principal de ao menos duas óperas: uma é a moderníssima *Mózes*, composta em 1977 pelo húngaro Zolt Durkó (1934 - ); a outra, escrita por Arnold Schoenberg (1874-1951) no início da década de 30 mas estreada apenas em 1954, após sua morte, é *Moses und Aron*, em cujo título o nome do irmão do Legislador foi grafado erradamente, com apenas um "A", porque o autor, supersticioso não queria dar à ópera um nome de treze letras. Schoenberg era um judeu vienense, filho de pai húngaro e mãe tcheca. Um dos grandes mestres da chamada Segunda Escola de Viena, foi o criador do dodecafonismo – a técnica dos doze sons – como processo de organização composicional. Em 1933, era professor de composição na Academia Prussiana de Artes de Berlim, quando a barbárie nazista, ainda em seus primórdios, forçou-o a deixar o cargo. Schoenberg emigrou para os Estados Unidos, onde viveu o resto dos seus dias.

Antes de Schoenberg, outro operista judeu desfrutara de certo prestígio em Viena. Era Karl Goldmark (1830-1915), cuja fama se deveu, principalmente, a uma ópera de sua autoria que estreou no Hofoper de Viena em 1875 tendo como protagonista a Rainha de Sabá. O libretista de *Die Königin von Saba* (A Rainha de Sabá) foi Salomon Hermann Mosenthal (1821-1877), prolífico dramaturgo judeu bastante respeitado nos meios literários austríacos.

Em 1835, Jacques François-Fromental-Elie Halévy (1799-1862), filho de uma família judaica parisiense, estreava no Théâtre de l'Opéra, sua décima-quinta ópera, *La Juive* ("A Judia"), cuja trama enfoca corajosamente a intolerância religiosa e o anti-semitismo. A história, ambientada em Constança, na Suíça, em 1414, durante o famoso concílio que acabou com o cisma da Igreja Católica, é tenebrosa; seus principais personagens são o ourives Eleazar, famoso pela qualidade das suas jóias, e sua filha Rachel, a judia do título. As relações amorosas entre judeus e gentios estão proibidas pela Igreja, e quando Rachel e um jovem nobre cristão têm seu romance ilícito descoberto, a moça, juntamente com o pai, é condenada à morte pelo Cardeal de Brogni. Para salvá-los, de Brogni propõe uma única saída: deverão abjurar a fé judaica, tornando-se publicamente cristãos. Ambos recusam e a sentença é mantida. Morrerão num caldeirão de óleo fervente. Quando Rachel é empurrada, Eleazar revela a seu algoz um terrível segredo: muitos anos atrás, durante o assédio de Roma, antes de o futuro Cardeal tomar as ordens religiosas, sua casa foi incendiada e toda a família trucidada. Eleazar, porém, salvou das ruínas um bebê, a filha de de Brogni, e a criou como sua, dentro dos preceitos judaicos. Essa criança era Rachel, a quem o Cardeal acabara de matar. Após a revelação, Eleazar salta para a morte. *La Juive* é hoje principalmente lembrada por ter sido a última ópera cantada pelo famoso tenor Enrico Caruso, cuja caracterização, envolto no xale de orações, era absolutamente perfeita como se pode observar nas fotos da época. Em 1920, um ano antes de sua morte, Caruso gravou o trecho mais famoso da ópera, a ária *Rachel quand du Seigneur la grace* ("Rachel, quando a graça do Senhor").

La Juive pertencia a um tipo de espetáculo lírico conhecido como grand-opéra, que floresceu em Paris a partir de 1830. Eram óperas em cinco atos, com entornos históricos ou exóticos, o que possibilitava a apresentação de cenários e figurinos extremamente luxuosos. O balé era sempre obrigatório, e maquinarias de efeitos especiais concorriam para o brilhantismo da criação de cenas de impacto como naufrágios, vulcões em erupção, navios que afundavam durante assustadoras tempestades e cenas de batalha em que os membros do enorme coro se enfrentavam.

O grande consolidador deste modelo de encenação tipicamente francês – a ponto de o seu nome ter se tornado na prática sinônimo de grand-opéra – foi Giacomo Meyerbeer (1791-1864). Nascido em Berlim de uma riquíssima família judia com o nome de Jakob Liebmann Meyer Beer, fixou-se inicialmente na Itália, onde o grande sucesso de sua décima-segunda ópera, *Il Crociato in Egitto* ("O Cruzado no Egito"), estreada em Veneza em 1824, pavimentou seu caminho para um ambicionado contrato com o Opéra de Paris. A primeira composição para aquele prestigioso teatro foi *Robert le Diable* (1831), que definiu os contornos definitivos do novo e faustoso estilo. Após a estréia, ninguém menos que Chopin escreveu a um amigo comentando o esplendor de *Robert le Diable*, "com a qual Meyerbeer imortalizou seu nome". E realmente, nos anos que se seguiram, Meyerbeer reinou incontestemente sobre a ópera parisiense. Entre as várias partituras que criou estão as de *Les Huguenots* ("Os Huguenotes", 1836), *Le Prophète* ("O Profeta", 1849) e *L'Africaine* ("A Africana", póstuma, 1865).

Um outro compositor judeu nascido na Alemanha que teve brilhante carreira em Paris foi Jacques Offenbach (1819-1880). O pai de Offenbach, chazan da sinagoga de Colônia, percebendo o grande potencial do filho, não economizou esforços para mandá-lo estudar na capital francesa, onde os judeus tinham maior liberdade que na Alemanha. Ao ingressar no Conservatório de Paris, o jovem Jakob, de 14 anos, mudou seu prenome para Jacques. Compositor extremamente fértil, Offenbach é considerado o criador da opereta francesa, que os franceses preferem chamar de *opéra bouffe*. Após se formar, o filho do chazan foi abrindo seu caminho e começou a se fazer respeitar como compositor. Para melhor encenar suas obras, em 1855 ele abriu seu próprio teatro, *Les Bouffes-Parisiens*. Em 1858, ficou internacionalmente famoso com *Orphée aux enfers* ("Orfeu no Inferno"), a opereta à qual pertence o famoso cancan. A localização do seu teatro numa das principais avenidas de Paris, somada ao reconhecimento da sua sensibilidade musical, valeu a Offenbach o carinhoso apelido de "Mozart des Champs-Élysées". Dentre suas operetas mais conhecidas estão *La Belle Hélène* ("A Bela Helena", 1864), *La Vie Parisienne* ("A Vida Parisiense", 1866) e *La Périochole* (1868). Ele compôs ainda a importantíssima ópera *Les Contes d'Hoffmann* ("Os Contos de Hoffmann"), que estreou poucos meses após sua morte.

Curiosamente, nem Meyerbeer nem Offenbach jamais compuseram óperas acerca de temas judaicos ou bíblicos. Na França, essa missão caberia ao

cristão Camille Saint-Saëns (1835-1921), um dos mais versáteis músicos do século 19. Além de pianista famoso e organista durante 21 anos na Igreja de Madeleine, compôs concertos, música de câmara e sacra, cantatas, corais e foi o primeiro compositor a escrever música para o cinema. Foi também autor de treze óperas, das quais a única que se mantém no repertório atual é *Samson et Dalilla*, encenada pela primeira vez em Weimar no ano de 1877.

Devemos ainda fazer referência a duas obras que, embora de importância, são praticamente desconhecidas do grande público. A primeira é *Polsk \_id* ("O Judeu Polonês"). Composta em 1900 pelo violinista tcheco Karel Weis (1862-1944), a ópera enfoca o drama de consciência do dono de uma hospedaria. No dia do casamento da filha, ele não consegue resistir ao remorso por ter roubado e assassinado, há muitos anos, um simples judeu polonês a quem alugara um quarto para passar a noite. No final, o protagonista confessa o crime e morre. A segunda ópera digna de nota é de autoria do italiano Lodovico Rocca (1895-1986). Estreada no Teatro Alla Scala em 1934, *Il Dibuk* baseia-se na peça teatral homônima de Shalom Ansky que é nossa velha conhecida.

Ainda é importante mencionar uma ópera em estágio final de composição que já teve, porém, seus dois primeiros atos apresentados em Nova York em 2004 e que todos aguardam com ansiedade. Trata-se de *Korczak's Orphans* ("Os Órfãos de Korczak"), da autoria do compositor norte-americano Adam Silverman, nascido em 1973. *Korczak's Orphans* retrata a heróica saga de Janusz Korczak (1878-1942), pseudônimo do judeu polonês Henryk Goldszmit, o destemido médico e professor que dirigiu um orfanato em pleno gueto de Varsóvia, protegendo duzentas crianças até sua deportação e assassinato em Treblinka.